

THOMAS BERNHARD E WALTER BENJAMIN

por uma origem redentora

THOMAS BERNHARD AND WALTER BENJAMIN: FOR A REDEEMPTIVE ORIGIN

Helano Jader Ribeiro*
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

Este artigo tem o intuito de armar uma análise acerca da escritura do austríaco Thomas Bernhard, em especial com sua autobiografia – sua experiência traumática na Segunda Guerra –, cujo título, *Origem*, já nos arrebatava para questões do teórico Walter Benjamin e seu *Ursprung* (origem – pulo primeiro) anacrônico. A questão da origem, explicitada por Bernhard, parece transitar menos no âmbito da gênese (*Entstehung*), da descendência (*Herkunft*), que em uma leitura dialética da história, através da inserção dos oprimidos – movimento de redenção –, assim como Benjamin desejaria.

PALAVRAS-CHAVE

Thomas Bernhard, Walter Benjamin, conceito de origem,
nacional-socialismo

INTRODUÇÃO

Thomas Bernhard (1931-1989) foi, talvez, o traidor mais feroz do Estado da Áustria, o filho infame mais odioso de um país, que, segundo ele, ainda se fazia guiar pelo pensamento nacional-socialista. Em sua extensa obra – narrativas de histórias doentias: romances, peças, contos e uma autobiografia reunida em cinco volumes –, em seu discurso enciclopédico coabitam suicidas, psicopatas, marginalizados, neuróticos, obsessivos compulsivos, desesperados à beira do abismo, que parecem desarmar o estranhamento de um mundo – que lhes é totalmente alheio – e a alienação intelectual existentes na literatura alemã desde 1945.

Bernhard sempre foi considerado um escritor polêmico, mantendo uma relação de amor e ódio com a Áustria. Seu ressentimento se faz presente através de seu testamento, no qual proíbe a publicação de qualquer obra póstuma – como cartas e anotações – em território austríaco. Dois dias antes de sua morte, Bernhard encontra-se com seu tabelião na cidade de Salzburgo com o objetivo de elaborar seu testamento:

* hjcribeiro@gmail.com

Fica expresso de modo veemente o fato de eu não ter nada a ver com a Áustria e posiciono-me não somente contra qualquer interferência, mas também contra qualquer aproximação da Áustria que atinja meu trabalho futuro. Depois de minha morte, fica proibida a publicação de qualquer material literário póstumo, seja cartas, seja anotações, nenhuma palavra deve ser publicada.¹

Mesmo após sua morte, suas obras, especialmente suas peças, foram objeto de controvérsia, aí incluída a talvez mais conhecida e comentada entre os críticos, *Heldenplatz* (Praça dos Heróis),² de 1988, na qual Bernhard denuncia o ressentimento antissemita ainda reminescente na Áustria pós-guerra. A peça de Bernhard mostra, através do suicídio de um simples professor de Matemática, na mesma praça, 50 anos depois do discurso do *Führer* ali proferido, as vozes do nacional-socialismo que ainda reverberam. Assim, se fará necessário falar de memória.

UM PULO À ORIGEM

Para falar de memória: não há recordação do passado, mas um sequestro seu pelo presente. Para falar de memória: é preciso pensar nessa clausura, resultado do atropelo entre os movimentos de ida e volta ao passado. A anamnese não é passiva, é não somente uma tentativa de restaurar o passado, “mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado”.³ Pensando com Jeanne Marie Gagnebin, a rememoração proclama a salvação, ela pode expor os restos, revelar o feio, o abjeto, a face melancólica dos anjos entediados, restaurar os elementos quase perdidos e devolver-lhes à superfície no tempo de agora, num gesto de redenção ao modo da arte barroca. O presente está desvinculado da linearidade e dos ditames da história: as ações de hoje não são mais predeterminadas por eventos anteriores. Essa escavação arqueológica das memórias não deixa de se revelar melancólica, visto que implica o maquinar de um passado incômodo, indesejado. Esse trabalho de escavação das memórias, trabalho arqueológico – *arché* (origem), ao que nos parece, é o único recurso de acesso ao passado.

Mas vamos recordar, repetir e elaborar⁴: a autobiografia de Thomas Bernhard, composta de cinco livros, não se encerra em uma cronologia linear, visto que o último dos cinco livros publicados pelo autor austríaco, intitulado *Ein Kind* (Uma criança) (1982), é um pulo a sua infância inicial, essa talvez a fase mais feliz de sua vida, ou

¹ HÖLLER. *Thomas Bernhard*, p. 7. No original: “Ausdrücklich betone ich, daß ich mit dem österreichischen Staat nichts zu tun haben will und ich verwahre mich nicht nur gegen jede Einmischung, sondern auch gegen jede Annäherung dieses österreichischen Staates, meine Person und meine Arbeit betreffend in aller Zukunft. Nach meinem Tod darf aus meinem eventuell gleich wo noch vorhadenen literarischen Nachlaß, worunter auch Briefe und Zettel zu verstehen sind, kein Wort mehr veröffentlicht werden”. Todas as traduções do alemão são minhas.

² Nenhuma de suas muitas peças foi publicada no Brasil.

³ GAGNEBIN. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 16.

⁴ “Recordar, repetir, elaborar” é um texto de Sigmund Freud de 1914. Nele, é trabalhado o conceito de repetição como uma forma de rememoração.

aquela que foi menos perpassada pelo trauma da guerra. São eles: *Die Ursache. Eine Andeutung* (A causa. Uma indicação⁵), de 1975, *Der Keller. Eine Entziehung* (O porão. Um recolhimento), de 1976, *Der Atem. Eine Entscheidung* (A respiração. Uma decisão), de 1978, *Die Kälte. Eine Isolation* (O frio. Um isolamento), de 1981 e, finalmente, *Ein Kind* (Uma criança), único volume, curiosamente sem subtítulo, de 1982.

No lugar de um relato que chegaria aos últimos anos de sua vida, como vem sugerido pela sequência cronológica de sua autobiografia, ele prefere voltar às memórias de sua infância inicial no último livro, *Ein Kind*, dá um pulo sobre os anos de luta contra uma tuberculose pulmonar intratável, que marcaria todo seu trajeto como escritor, descrita especialmente nos livros *Der Atem* e *Der Kälte*. As partes individuais dessa grande escala de autorreflexão analítica e autorrepresentação invocam lugares elementares da apreensão de uma época. Enquanto o último volume se ocupa da constelação familiar, do nascimento e dos primeiros anos de vida do pequeno Bernhard, os outros seguiram em outra direção, marcadamente cronológica, que privilegia suas experiências em um internato nacional-socialista, entre 1943 e o fim da guerra, em Salzburgo, ou seja, ainda do auge glorioso do Terceiro Império até sua queda. Esse palco alucinado de controle baseado em vigilância e punição é retratado, essencialmente, no relato sobre a escola de orientação nazista.

Pensando dessa forma, não acredito ser obra do acaso o fato de o último volume escrito e publicado de sua autobiografia ser o menos soturno, pois trata de suas primeiras recordações pueris, antes de sua entrada traumática na escola nacional-socialista, da experiência da Segunda Guerra – vista, especialmente, no livro *Die Ursache* – e da doença intratável que o perseguiu por toda a vida. No Brasil, os cinco volumes levam o título único: *Origem*. Essa publicação, reunida em um só volume, no entanto, optou pelo relato de vida cronologicamente ordenado em detrimento da ordem de publicação, partindo de *Ein Kind* e seguindo em direção à fase mais madura de Bernhard.

Uma das propostas deste artigo é, pois, a análise de sua escritura, pensando-a como um relato, acima de tudo, como uma leitura crítica e dialética de uma história, cujas ruínas se estendem até o tempo do aqui e agora – *um agora cheio de história* –, de modo que o alemão Walter Benjamin surge como um importante norte teórico em nossa análise. Imprescindível e, talvez, urgente o apelo ao pensamento do berlinense para uma compreensão da questão da origem.

O *Ursprung* (origem) é, possivelmente, um dos conceitos mais importantes de seu trabalho crítico, peça central de seu prefácio epistemológico, abertura do livro *Origem do drama trágico alemão*. A origem coloca em cena um ritmo outro, uma dança às avessas, a saber, um movimento anacrônico, que se revela em forma de iluminação e ruptura; ela

⁵ Nesse texto, que foi sua primeira publicação autobiográfica, surgem Bernhard já com 13 anos de idade e a figura de Grünkranz, personagem central na primeira parte do livro. Grünkranz é o diretor sádico do colégio nacional-socialista em que ele havia estudado. Para Bernhard, nesse período traumático, só havia restado a fuga através de pensamentos de suicídio, tema caro ao autor em todo o seu percurso literário. Para os jovens em Salzburgo essa parecia ser a única forma de enfrentamento do estado de exceção armado pelas tropas de Hitler.

questiona, desse modo, a história em sua forma *aufgehoben*⁶ (conservada, cancelada) e seu desenvolvimento na esteira de χρόνος (*chrónos*⁷): “Mas, apesar de ser uma categoria plenamente histórica, a origem (*Ursprung*) não tem nada a ver com gênese (*Entstehung*). “Origem” não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer”.⁸

Fica sugerido, então, que Bernhard procura através de um *Ur-Sprung* (pulo original) retornar à origem, ou à origem da origem em suas memórias, descartando, dessa forma, os ditames progressistas de uma história linear dos eventos. Essa *origem* é, portanto, dinâmica, móvel, não se deixa fechar por nenhuma tentativa de totalidade. É processo intermitente que impede qualquer modelo de fechamento, é um projeto que, quando ameaça findar, aponta para outra direção, ou seja, para seu começo arqueológico, revelando-se, assim, em uma escritura enciclopédica, lembrando que a palavra ἐγκύκλιος παιδεία (enciclopédia), em sua origem etimológica, significa conhecimento circular.

Bernhard busca repetir de novo, impede a interrupção do relato onde deveria ser o fim, impõe a apresentação de um novo começo, de modo que a história possa ser lida através de imagens dialéticas e se repita sempre cruzada pelas diferenças. Seu relato se revela como uma tentativa extemporânea de trazer imagens dialéticas ao presente, passando por uma história inquieta, revolta, em ruínas, a ser lida no tempo de agora; é uma proposta de fuga ao tempo cronológico dos eventos. Seu texto apresenta uma origem e uma infância que não cessaram de acontecer, continuam sendo devires. A restauração de suas memórias – pensada pelo conceito de *Ursprung* benjaminiano – não se dá de forma ilesa, mas se contenta com a ideia de que uma recuperação total do perdido é impossível. Jeanne Marie Gagnebin, comentando a questão do *Ursprung* de Benjamin, corrobora essa ideia ao proferir, em seu livro *História e narração em Walter Benjamin*, que

⁶ Indispensável, embora que brevemente comentado, falar sobre a questão da história segundo Hegel e seu conceito de *Aufhebung* (supressão, conservação). Em *Fenomenologia do espírito*, Hegel cria uma dialética não sintetizada, mas antes continuamente elevada a uma nova série de forças antinômicas; para isso, adia constantemente a síntese. Nesse ponto, habita uma espécie de promessa em sua forma de potência – a preservação de uma dada dialética e sua elevação a uma nova forma, trazendo uma teleologia da transcendência, de modo que, quando falamos em *Aufhebung*, pensamos em remoção, conservação, aperfeiçoamento, progresso. A tarefa da filosofia seria de fato compreender a autossupressão – sob a saída de luz das contradições internas. Hegel sugere um grande sistema filosófico em que o mundo, como *Geist* (espírito, intelecto), se encontraria em um *processo cronológico da história* de contínua superação. A teleologia proposta por ele será explicitada não somente pela análise da totalidade do universo, mas também pelos diversos processos e desenvolvimentos que o constituem, todos perpassados pela dialética, em que tendências antinômicas entram em contradição, resultando em uma síntese, mais perfeita e completa que as anteriores. Nessa visão, na história, os movimentos dialéticos se sucedem. Não é difícil de entender que essa corrente de pensamento, que busca um contínuo evolutivo da história e sua superação, vai de encontro à dialética benjaminiana e sua crítica a uma história progressista.

⁷ Mesmo que *chrónos* tenha sido a palavra comum entre nós, não é a única para designar o tempo entre os gregos. Outra é *kairós*, que significa “medida”, “proporção” e, em relação com o tempo, “momento crítico”, “temporada”. Uma terceira palavra é *aión*, a mesma que Platão usa para se referir à eternidade na citada passagem do *Timeu*.

⁸ BENJAMIN. *Origem do drama trágico alemão*, p. 32.

A origem benjaminiana visa, portanto, mais que um projeto restaurativo ingênuo, ela é, sim, uma retomada do passado, mas ao mesmo tempo – e porque o passado enquanto passado só pode voltar numa não identidade consigo mesmo – abertura sobre o futuro, inacabamento constitutivo.⁹

Inacabamento é porvir; é essa *abertura sobre o futuro* de que fala Gagnebin que irá, para Benjamin, acolher a chegada do Messias. Nesse sentido, Walter Benjamin e Thomas Bernhard apostam na mesma cartada, visto que as memórias bernhardianas não se contentam com o simples relato passivo:

O poder messiânico não é apenas contemplativo – “o olhar voltado para o passado”. É também ativo: a redenção é uma tarefa revolucionária que se realiza no presente. Não é apenas uma questão de memória mas, como lembra a tese I, trata-se de ganhar a partida contra um adversário poderoso e perigoso.¹⁰

Esse adversário poderoso e perigoso para Bernhard, presumivelmente para Benjamin também, é o discurso nacional-socialista. Sua tática de inoperância do mito nazista e suas reminiscências no presente é, exatamente, a retirada dos grandes nomes da história e, em seu lugar, a ocupação consciente em seus textos através dos oprimidos, dos excluídos. É a construção de uma escritura que seja capaz, depois do pulo original, de iluminar o presente – em um instante de assombro.

REDENÇÃO DOS MAL-DITOS

O *modus operandi* realizado por Bernhard e sua leitura anacrônica da origem – *nesse agora repleto de passado* – seguem uma linha no caminho de Benjamin e seu materialismo histórico, que “faz desse passado uma experiência única”,¹¹ de modo que Bernhard tenciona inserir, muitas vezes, em suas narrativas as pessoas simples, como os artesãos e seu fazer manual, o que sugere também uma forma de resistência ao modelo cronológico de progresso da modernidade e seu fazer tecnológico destruidor de todas as tradições. Parece que Bernhard capta o espírito benjaminiano ao convocar o “povo comum” com a tarefa de escovar a história a contrapelo, mostrando resistência ao progresso, à civilização – e sua barbárie –, ao tempo linear e homogêneo. Assim, sintomaticamente, revela-se uma autobiografia descontínua e contingente:

Benjamin tenta pensar uma “tradição” dos oprimidos que não repousaria sobre o nivelamento da continuidade, mas sobre os saltos, o surgimento (*Ur-sprung*), a interrupção e o descontínuo: “O continuum da história é o dos opressores. Enquanto a representação do continuum iguala tudo ao nível do chão, a representação do descontínuo é o fundamento da autêntica tradição”. [...] Acolher o descontínuo da história, proceder à interrupção desse tempo cronológico sem asperezas, também é renunciar ao desenvolvimento feliz de uma sintaxe lisa e sem fraturas.¹²

⁹ GAGNEBIN. *História e narração em Walter Benjamin*, p.14.

¹⁰ LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses* “Sobre o conceito de história”, p. 53.

¹¹ BENJAMIN. Sobre o conceito de história, p. 231.

¹² GAGNEBIN. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 99.

De onde saem, então, esses seres capazes de pular sobre o *continuum* da história, prontos para ganhar a voz no tempo de agora? Emergem, por exemplo, de um bairro pobre – uma imagem surgida da desolação e do descaso na cidade de Salzburgo, apresentado no volume de sua autobiografia intitulado *Der Keller*. Nesse lugar abandonado, revela-se um mundo *gauche*, à revelia, que parece fascinar e atrair o próprio Bernhard:

Já de longe podia-se reconhecer em Salzburgo – que sempre alegou não possuir nem mesmo uma antecâmara ou inferno, que dirá um inferno – aqueles habitantes da antecâmara ou do inferno, criaturas perdidas, confusas, inseguras, caminhando apressadas, cada uma delas reconhecível como uma natureza interior e exteriormente infeliz, existências marginais, marcadas pelo fato de terem tido sua origem em *Scherzhauserfeld*.¹³

Ora, como não combater a busca por uma origem no sentido de *Herkunft* (procedência, descendência), se essa era exatamente a divisa do mal, o identificador para as pessoas daquele bairro, que pareciam marcadas pelo estigma de sua procedência e por isso mesmo eram excluídas – como os judeus o foram? Bernhard se volta a elas como uma forma de desmascarar a hipocrisia de uma cidade que insiste em esconder, eliminar o sujo, o pobre, o feio. Nessa espécie de gueto, ele conhece os despossuídos, os desajustados sociais e os excluídos e, constantemente, parece não entender por que aquelas pessoas são rejeitadas na cidade, simplesmente pelo fato de habitarem um bairro miserável em Salzburgo. Esses párias, habitantes de um limbo esquecido na cidade, falam até mesmo um idioma outro, marginal – uma língua menor¹⁴:

Uma língua que, ali, era bem diferente da do restante de *Lehen*, os habitantes do bairro de *Scherzhauserfeld* falavam uma língua mais intensa e mais clara do que os de *Lehen* em geral, e logo me tornei capaz de falar com aquelas pessoas em sua própria língua, porque era também capaz de pensar os pensamentos *delas*.¹⁵

Bernhard, então, através de seu *salto tigrino* ao passado,¹⁶ parece desmascarar o abandono e o esquecimento daquelas vidas *mal-ditas*, daqueles infaustos excluídos:

¹³ BERNHARD. *Origem*, p. 245.

¹⁴ A língua menor, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, em seu livro *Mil platôs*, é dotada de novas potências gramaticais ou sintáticas, faz a língua maior refletir sobre si mesma; dito de outra forma, impõe certo desconforto à língua maior, tirando-a de sua zona de conforto, no momento em que extrai dela suas verdades preestabelecidas: a língua menor faz a maior gaguejar, balbuciar, revela-se em sua constante tenção em relação à língua maior. Não menos problemática é a noção de minoria e maioria. A maioria se apresenta em sua potência como paradigma do poder, do certo, da norma padrão, assim como dizem Deleuze e Guattari: “É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo” (DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 2, p. 52). As línguas menores penetram, assim, a língua maior através de seu devir; levam-na para a dimensão do devir minoritário, de modo que tenhamos o devir menor da língua maior. Por que isso? A língua menor consegue, através desse campo de fuga, desviar-se da atração que passa pelo poder e pela dominação.

¹⁵ BERNHARD. *Origem*, p. 237.

¹⁶ Walter Benjamin irá denominar de “salto tigrino” ao passado toda apropriação do passado não saudosista, mas sim dialético, de modo que o presente não seja mais o mesmo. Ele propõe outra concepção do tempo que não é o tempo “homogêneo e vazio” das ciências históricas e naturais. A ideia de progresso histórico é rechaçada, e em seu lugar ele sugere que tomemos o tempo como algo que permite instantes de ruptura, de iluminações contínuas. O *Jetztzeit*, tempo de agora, possibilita aos oprimidos que mudem o discurso consagrado, dos grandes nomes, da história tradicional.

“Escrever sobre *Scherzhauserfeld* nos dias de hoje significa perturbar a administração municipal da cidade de Salzburgo, e provoço irritação quando lembro o bairro de *Scherzhauserfeld*”.¹⁷ O pulo original às memórias autobiográficas de Thomas Bernhard não representa uma volta saudosista de um passado quase perdido, tampouco é restauração do idêntico esquecido, mas é um apelo à diferença, um ensaio extemporâneo de desvelamento de uma suposta origem absoluta – *Beginn* (começo) fechado e apreensível ou *Entstehung* (gênese); é um recurso do sujeito cognoscente, apelo a uma avaliação crítica do que resta do nacional-socialismo e sua ideologia totalitária de fechamento. O que o desassossega é a História oficial com *H* maiúsculo e seus grandes nomes e monumentos que insistem em obliterar a vida do *homem simples*.¹⁸

É o que também é sugerido na peça *Heldenplatz*, de 1988, praça realmente existente em Viena, em que Hitler havia proferido um discurso de anexação da Áustria à Alemanha exatamente 50 anos antes. Encenada pela primeira vez em novembro de 1988, *Heldenplatz* representou, talvez, uma das mais controversas peças de sua autoria, por mostrar em solo austríaco¹⁹ que os austríacos ainda aspiravam a ideais nazistas. Bernhard recupera esse monumento transformado em documento, dramatiza a história mostrando que as vozes belicosas do nacional-socialismo ainda ecoam: “Ser judeu na Áustria significa estar condenado à morte”.²⁰

O cenário é um apartamento situado em frente a essa praça, onde se encontram amigos próximos e parentes de Josef Schuster, professor de Matemática, judeu austríaco, que havia cometido suicídio, jogando-se da janela de seu apartamento diante da praça. O motivo do encontro é o funeral do professor Schuster, personagem que se vira obrigado a se exilar na Inglaterra em 1938, em virtude da perseguição dos judeus pelos nazistas, e volta a Viena, sua pátria, em virtude de um convite do prefeito da cidade. Na discussão entre os participantes da peça, realizada no presente, o nacional-socialismo e o medo parecem os mesmos de 50 anos atrás. Através de um personagem, professor Liebig, ex-colega de trabalho do *suicidado*, o aviso é bem claro: “É somente uma pura questão de tempo para os nazistas tomarem novamente o poder”.²¹

¹⁷ BERNHARD. *Origem*, p. 241.

¹⁸ Em sua *Genealogia da moral*, Nietzsche faz uma análise morfológica da palavra alemã *schlecht* (ruim). Em seus estudos, descobre que essa palavra é idêntica à *schlicht* (simples), de modo que ele chega à *schlechtweg* (simplesmente) e *schlechterdings* [simplesmente], o que mostra, desde suas origens, a função de designar o homem simples, plebeu. Tudo isso serve para demonstrar que as palavras nascem dentro de circunstâncias arbitrárias. Isso revela que a classe dominante acabou associando a classe plebeia ao conceito daquilo que é mau, o oposto da classe nobre. Por isso, os homens que se sentem e são privilegiados (classe nobre) é que refletem o conceito de “bom”: “Esta me parece uma percepção essencial, no que toca a uma genealogia da moral; que tenha surgido tão tarde deve-se ao efeito inibidor que no mundo moderno exerce o preconceito democrático, no tocante a qualquer questão relativa às origens” (NIETZSCHE. *Genealogia da moral: uma polêmica*, p. 21).

¹⁹ A peça teve sua estreia no *Burgtheater*, teatro que fica na mesma praça.

²⁰ BERNHARD. *Heldenplatz*, p. 114. No original: “In Österreich Jude zu sein bedeutet immer zum Tode verurteilt zu sein”.

²¹ BERNHARD. *Heldenplatz*, p. 135. No original: “Es ist nur reine Frage der Zeit, daâ die Nazis wieder an der Macht sind”.

O personagem principal, um morto, o professor Schuster, presente em sua forma *fantasmática*, pulou para fora da janela, na Heldenplatz, onde viveu e onde certa vez, em março de 1938, multidões estridentes vibravam pelo discurso do *Führer*. Cinquenta anos depois, através da peça, é mostrado que Hitler ainda era um filho protegido da Áustria. Schuster, em um momento de assombro, chega à conclusão de que seus conterrâneos ainda cultivavam as ideias nazistas. Nesse movimento, Bernhard aposta conscientemente no enfrentamento das reminiscências do nacional-socialismo, elabora um ataque verborrágico contra seu recrudescimento, dá *animus* aos oprimidos, de modo que esse *Jetztzeit* (tempo de agora) possa reunir todas as suas tradições, como uma força iluminadora. Em nome da *Erlösung* (redenção) benjaminiana, impõe questões à *Endlösung* (solução final)²² – ou aniquilação de tudo aquilo que é incompreendido por carregar uma origem outra. A redenção, desse modo, só poderá se manifestar a partir do momento em que se fizer necessário contar a história dos vencidos.

O suicídio de um simples professor é um apelo contundente de Bernhard para uma leitura da história, assim entendida por Benjamin, *gegen den Strich* (a contrapelo), em que os oprimidos podem, finalmente, ter uma voz:

Escovar a história a contrapelo – expressão de um formidável alcance historiográfico e político – significa, então, em primeiro lugar, a recusa em se juntar, de uma maneira ou de outra, ao cortejo triunfal que continua, ainda hoje, a marchar sobre aqueles que jazem por terra. Pensa-se nessas alegorias barrocas do triunfo, que representam os príncipes no alto de uma magnífica carruagem imperial, às vezes seguidos por prisioneiros e arcas transbordando de ouro e de jóias; ou nesta outra imagem, que aparece em Marx para descrever o capital: *juggernaut*, a divindade hindu instalada em uma imensa carruagem, sob as rodas da qual são lançadas crianças destinadas ao sacrifício. Mas o antigo modelo, presente no espírito de todos os judeus, é o Arco de Tito em Roma, que representa o cortejo triunfal dos vencedores romanos conta a sublevação dos hebreus, portando os tesouros pilhados no Templo de Jerusalém.²³

Nessa instância, fato que parece paradoxal para o pensamento de Benjamin: a complementaridade da visão materialista da história através da visão messiânica é a explicação para um pensamento que não é transcendente, mas assume um tempo de agora como modelo messiânico que abarca num resumo a história da humanidade. No mundo messiânico não há uma espécie de *télos* a ser atingindo, mas o que ocorre é essa suspensão do *continuum* da história.

É preciso rememorar o mal, para que ele não se repita, não ganhe força. É possível, segundo Bernhard, fazê-lo através do suicídio de um simples professor judeu na praça onde Hitler, em outro tempo, havia sido louvado, para mostrar que os relatos não podem ser silenciados e que é preciso fazer com que o inimaginável se faça imaginável. A morte do professor não significa silêncio, mas é um acontecimento puro, uma iluminação no tempo de aqui e agora, em que se revela a singularidade do professor judeu.

²² *Endlösung der Judenfrage* (a solução final): os nazistas usavam frequentemente eufemismos para disfarçar a natureza real de seus crimes, e a solução final se refere ao plano de genocídio sistemático contra a população judaica durante a Segunda Guerra Mundial, ou seja, era a manobra de aniquilação total do povo judeu.

²³ LÖWY. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”, p. 73.

Os restos que Thomas Bernhard procura juntar de um passado em ruínas, seu apelo a *Μνημοσύνη* (Mnemosine), é uma súplica à deusa que personifica a memória em nome daqueles que foram silenciados, esquecidos, pelos grandes nomes da história. Assim, lembrando que esse *Ursprung* anacrônico atropela o tempo cronológico – *chrónos* – em nome de uma leitura de tempos intensos – *kairós* –, a escritura intempestiva de Thomas Bernhard tece sua trilha em direção a um passado indesejado.



ABSTRACT

This article aims to set up a conversation with the writing of the Austrian Thomas Bernhard in particular with his autobiography – his traumatic experience in Second World War – whose title already in *Origin* snatches of theoretical issues to Walter Benjamin and his *Ursprung* (origin – first leap) anachronistic. The question of the origin explained by Bernhard seems to move less genesis (*Entstehung*) descent (*Herkunft*), than in a dialectical reading of history, through the insertion of the oppressed – movement of redemption – as Benjamin would.

KEYWORDS

Thomas Bernhard, Walter Benjamin, concept of origin, national-socialism

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 222-232. (Obras Escolhidas, 1).
- BERNHARD, Thomas. *Heldenplatz*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- BERNHARD, Thomas. *Origem*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2008. v. 2.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- HÖLLER, Hans. *Thomas Bernhard*. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch GmbH, 1994.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

